

SITUAÇÃO DA CITRICULTURA

BALANÇO DA SAFRA DE 1962

Eng.º Agr.º J. M. FONSECA DE LIMA

I — A Produção

As estimativas feitas pela Divisão de Economia Rural no campo citrícola, acusam um crescimento da área cultivada calculável em 6 000 hectares de novas plantações, ultrapassando provavelmente a casa dos cem mil hectares como total geral da área ocupada com pomares cítricos em nosso Estado. Nessa vasta área, estão plantados mais de 21 milhões de plantas cítri-

cas, dos quais seguramente 80 ou 85% são de laranjas doces das variedades aqui cultivadas. Lamentavelmente, as nossas estatísticas não detalham a composição dessa população cítrica, como seria de desejar.

Adotando-se um critério semelhante ao usado em nosso último “balanço” (em “Agricultura em São Paulo” n.º 1 — 1962) podemos decompor o total de plantas acusadas pela estimativa do seguinte modo:

	<i>N.º de plantas</i>	<i>N.º de crs. de Colheita</i>
Comerciais, para exportação	6 200 000	7 000 000
Comerciais para mercado interno	6 200 000	7 000 000
Para consumo local e rural	8 865 000	10 000 000
	<hr/>	<hr/>
	21 265 000	24 000 000

Pelo exame dos dados do quadro I, conclui-se que o ritmo de crescimento da área ocupada com plantas cítricas caiu sensivelmente no último ano do período, o mesmo acontecendo com o volume de produção esperado, que foi quase o mesmo. Se a produção de 62 é quase igual em volume à colhida em 1961, a sa-

zonalidade da fruta foi entretanto muito diferente. Assim, tivemos em 1962 muito pouca fruta oriunda das primeiras flores e que habitualmente estão maduras em fins de abril. No ano findo, a maturação de seguramente 90% da fruta pendente foi retardada de 30 a 40 dias, como é possível verificar

pelo quadro V, onde estão comparadas as quantidades exportadas mensalmente em 1961 e 1962. Embora os dados não informem diretamente sobre o desenrolar do processo de maturação nos dois períodos, o fazem de modo indireto, pois o movimento de exportação reflete inevitavelmente o curso da maturação fisiológica da fruta.

Tivemos assim em 1962 uma colheita atrasada, cujos efeitos sobre a nossa estação exportadora seriam ainda mais fortes não fôsse pela relativa elasticidade como foram aplicados os regulamentos que disciplinam a exportação. É este um ponto que já foi objeto de críticas por parte de vários setores da nossa Indústria Cítrica já tendo sido examinado em reunião do Grupo de Frutas Cítricas do Ministério da Agricultura, aonde foi apresentado em forma de indicação aprovada pela Comissão de Citricultura da Secretaria da Agricultura do Estado, no sentido de ser adotado entre nós o sistema de fixar data certa para o início da colheita das várias espécies e variedades de frutas cítricas. A proposição não logrou ser aprovada na reunião do Grupo a que acima nos referimos e realmente, apesar da inegável propriedade com que poderia ser aplicada entre nós, apresenta alguns inconvenientes sérios. Entre as vantagens, podemos citar duas: elevação do nível geral da maturação, especialmente a côr da fruta a ser trabalhada para exportação e a concentração do período de trabalho que, como evidencia o próprio quadro V, pode ser adensado com vantagem

para as operações de colheita e beneficiamento. Entre as principais desvantagens, avulta a necessidade de fixação das datas com antecedência que permita a tramitação normal dos negócios envolvendo contratos de venda e compra, de espaço frigorífico etc.

1962 foi em resumo um ano difícil no que diz respeito ao comportamento dos nossos pomares e mais adiante veremos que também não foi fácil no que respeita à colocação da fruta e aos resultados finais.

II — A exportação

Em 1962, como no ano anterior, os resultados da exportação em volume também superaram as expectativas, pois ao iniciar-se a estação com atraso, estimava-se que não exportaríamos mais que 2,5 milhões de caixas. De fato, a reação que se observou a partir de agosto, prolongando-se até outubro, permitiu que as nossas vendas alcançassem mais de 3,1 milhões de caixas, ficando apenas 147 mil caixas aquém do volume alcançado em 1961. O que se pode observar neste passo é que a partir de 1959, quando ultrapassamos os 3 milhões de caixas, as nossas vendas para o exterior mantiveram-se estacionárias naquele volume ou pouco mais, indicando como que uma saturação dos nossos mercados tradicionais, uma vez que a produção e a oferta de fruta no interior, vem crescendo firmemente a partir de 1955.

Este fato indica a necessidade de um trabalho mais intenso na comercialização das nossas frutas cítricas, tanto no Exterior como no mercado interno.

Ampliar a nossa participação nas áreas onde já se consome a fruta brasileira e fazê-la penetrar em novas áreas, eis a tarefa para os que desejam o crescimento da nossa indústria cítrica. Nesses objetivos, inscreve-se a ampliação dos mercados europeus tradicionais e a abertura de novos mercados, como se tenta fazer com a Europa Oriental, bem como a ampliação do próprio mercado nacional cujas condições permitem esperar uma absorção em crescimento.

A medida em que os mercados europeus tradicionais compradores de frutas cítricas se aproximam dos seus níveis de saturação, previstos para o período 60-65 segundo pontos de vista externados pelo Grupo de Frutas Cítricas da FAO, mais imperativo se torna que os exportadores brasileiros intensifiquem o seu trabalho para aumentar as vendas da nossa fruta. Ao mesmo tempo e de modo algum de menos importância, a distribuição da laranja nos mercados nacionais deve ser promovida também de forma intensiva, visando a generalização do consumo da fruta fresca.

Tanto nos mercados externos como nos do país, parece que já vamos entrando numa fase de ofertas mais abundantes e nestas condições a base para o trabalho de promoção das vendas, passa a ser essencialmente a qualidade da fruta oferecida. Não podemos pensar em promover maiores vendas, sem melhorar e estabilizar quanto seja possível a qualidade da fruta em níveis superiores aos que constituem a média das nossas

remessas atuais. Não devemos seguir os exemplos do café e do cacau e possivelmente de outros produtos da nossa agro-pecuária que constituem a pauta do nosso comércio exterior, em que nos especializamos como fornecedores de mercadorias de qualidade inferior. Já o temos feito em boa medida, mas impõe-se uma mudança de atitude que o aumento da produção esperado poderá facilmente ensejar.

No que respeita às variedades exportadas, a pauta pouco difere da que vem prevalecendo nos últimos anos, onde a laranja Pêra ocupa o primeiro lugar com mais de 70% do total, seguida pela Hamlin e Bahia também em proporções mantidas. As nossas exportações de Pomeolos, Tangerinas e Limões continuam em volumes muito baixos, sem qualquer significação no conjunto.

Esta predominância da variedade Pêra não nos parece um fato muito auspicioso para a programação dos trabalhos de comercialização. A Pêra é uma laranja tipicamente tardia nas nossas condições de produção e assim em anos normais só estará em condições ótimas a partir de junho nas zonas mais ao Norte e de julho nas zonas mais ao Sul. Parece-nos que seria vantajoso contar, mesmo nos anos normais, com um suprimento de fruta precoce que poderia ser fornecido pelas variedades Bahia e Hamlin, a fim de permitir um trabalho ordenado e ininterrupto a partir dos últimos dias de abril e começo de maio. Isto, para nada dizer do mercado interno que solicita

preferencialmente a laranja Bahia.

Com respeito à condição da fruta na chegada, êste foi um bom ano, talvez não tanto como a passada estação de 1961, excepcional no tocante ao estado da fruta na chegada aos mercados europeus. Mesmo assim, os recursos técnicos empregados no preparo da fruta garantiram sua integridade sem que se ouvissem reclamações do outro lado. Dos atributos de qualidade, a côr (externa e interna) apresentou-se melhor em 62, do que tem sido em longo período; os demais, como bagaço, casca, aspecto externo etc., ainda deixaram bastante a desejar.

No que diz respeito ao destino das nossas exportações, com a ausência da URSS entre os compradores da laranja brasileira, voltamos ao quadro tradicional com base nos países do Norte da Europa Ocidental. Neste grupo, a Inglaterra cedeu o primeiro pôsto à Holanda, que passa dessa forma a verdadeiro entreposto de laranja brasileira, tendo aumentado substancialmente suas importações destinadas a outros mercados do grupo. Também a Bélgica cedeu colocação a pequenos compradores como a Finlândia e a Noruega, passando do 4.º lugar em 1959 para o 8.º em 1962.

Com relação à procedência da laranja paulista destinada à exportação, podemos observar nesta estação pela primeira vez em tôda a história da nossa indústria cítrica, que a região de Limeira cedeu o primeiro pôsto à de Bebedouro. Esta passou a contribuir de forma predominante, se bem que por pequena

margem, deslocando assim o mais tradicional centro citrícola do Estado. O quadro IV detalha êste aspecto nos últimos dois anos.

Durante os meses de maio, junho e julho, em que exportamos cêrca de metade do total, os preços na Europa foram declinando progressivamente ao ponto de tornarem-se francamente deficitários a partir de meados de junho.

A situação dos mercados ao chegarem as primeiras partidas de fruta brasileira pode ser ilustrada pela seguinte transcrição de um boletim do mercado de Hamburgo: "As primeiras chegadas, em sua maior parte composta de "Peras" e algumas "Navels", embora pesadas e em boa condição, só despertaram reduzido interêsse devido ao fato da fruta não estar bem colorida e apresentar a casca manchada. Conseqüentemente, a mercadoria teve que ser vendida com prejuízo".

A inferior qualidade da fruta espanhola nesta estação, especialmente as sanguíneas, assim como um certo excesso de fruta miúda, juntamente com o crescimento da oferta de laranjas em geral, determinaram o tom deprimitivo do mercado naquela primeira fase das nossas exportações.

As exigências de classificação derivadas da entrada em vigor de novas disposições do Mercado Comum, davam como certa a proibição do emprêgo do produto "difenil" a partir de 1.º de janeiro de 1963. Entretanto, notícias posteriores informaram que essa proibição só será vigorante a partir de 31 de de-

zembro de 1963. Essa droga é largamente empregada como "fungistático" no tratamento das frutas cítricas na maioria dos centros produtores do mundo.

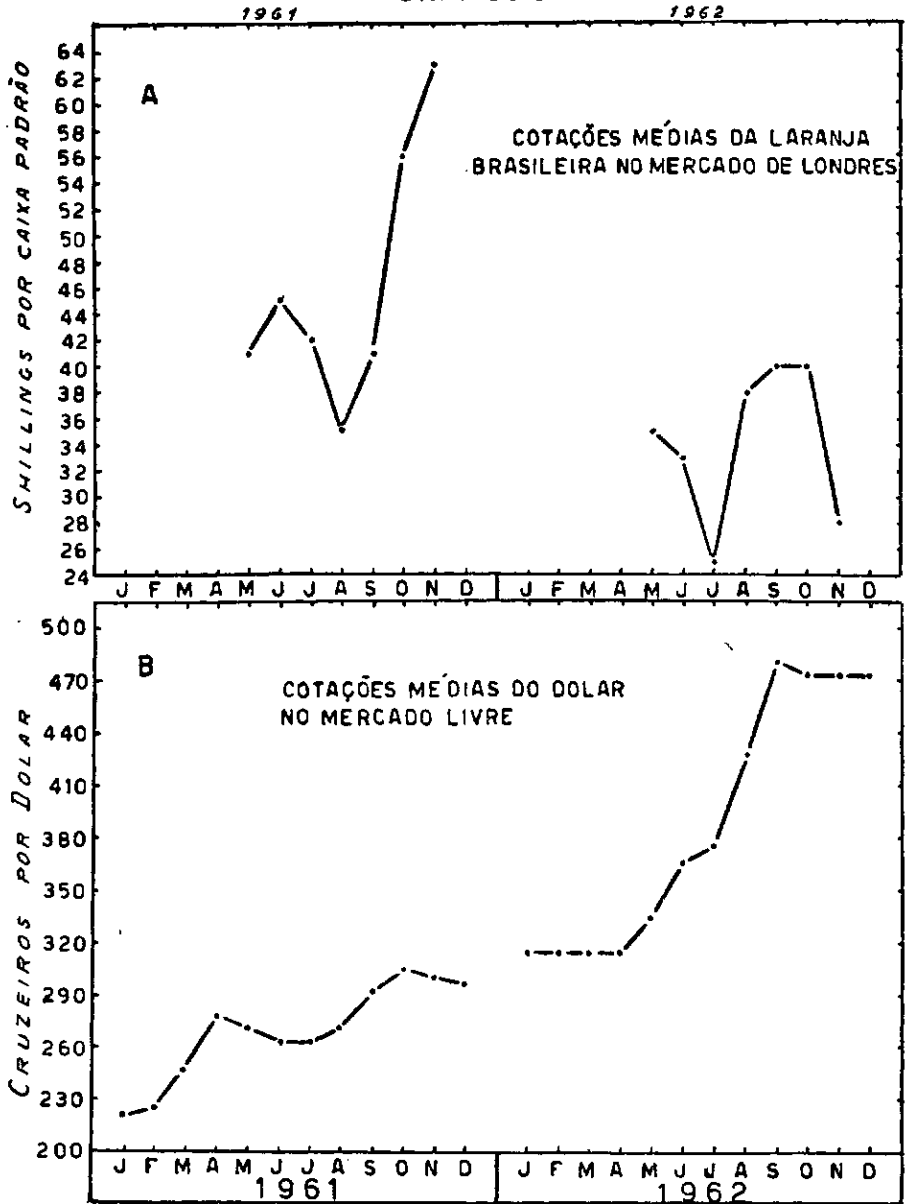
As exigências derivadas da entrada em vigor da nova política agrícola do Mercado Comum devem alertar os nossos meios interessados, tanto no setor privado como do Poder Público, para a necessidade de medidas no campo da pesquisa de meios capazes de compensar eventuais restrições ao uso dos aditivos e tratamentos dos produtos de alimentação.

No quadro VI figuram as cotações de laranjas brasileiras e sulafricanas nos mercados de Londres e Paris. A escolha explica-se por ser a Inglaterra até 1961 o principal mercado da nossa fruta e também das laranjas sulafricanas. A França não é dos maiores compradores, mas os preços no mercado "Des Halles" em Paris, são apresentados por serem as cotações oficiais em moeda francesa por 100 quilos, o que torna possível a comparação entre as várias procedências, sem recurso a conversões de moeda nem sempre exatas. Nele se pode observar que os preços no início da estação mantiveram-se em níveis razoáveis até a 2.^a semana de junho, declinando daí em diante para reagirem ao atingir a 2.^a semana de agosto. Assim mantiveram-se até a 3.^a semana de outubro, quando o movimento ex-

portador aqui se aproximava do fim e quando as cotações novamente entravam em declínio.

Tendo em conta a aceleração do processo inflacionário, com inevitáveis reflexos nos custos internos e no valor externo da nossa moeda, é de crer que preços entre 25 e 35 shillings por caixa padrão posta no leilão em Londres podem em determinadas condições representar um negócio pouco atraente para o exportador brasileiro. Na faixa inferior daquela margem, os resultados podem ser considerados ruinosos. A deterioração progressiva de nossa moeda se não fôr sustada de uma forma definitiva, fará com que se renovem as pressões do grupo exportador sobre as autoridades monetárias no sentido de um novo reajustamento da taxa de conversões para as letras provenientes da exportação de laranjas, sob pena de impossibilitar os negócios lícitos. De um ponto de vista restrito, a pretensão é razoável, pois como se vê no gráfico I, não parece haver qualquer "efeito perverso" das modificações da taxa de conversão sobre o mercado físico da laranja, cujas variações, aos menos gráficamente, sugerem completa independência dos movimentos das taxas cambiais que têm caracterizado o período em exame. O gráfico ilustra igualmente a grande diferença nos níveis das cotações entre 1961 e 62, a que já nos referimos.

GRÁFICO I



FONTES: A- cotações de laranja: Boletins de Mercado
B- cotações de câmbio: Bolsa de Valores de S. Paulo

des. J. Cabianca

QUADRO I
Produção e Exportação Cítrica

Ano	S ã o P a u l o		Exportação — Milhões de caixas padrão		
	Mil Árvores	Produção Milhões de Caixas de Colheita	Pôrto de Santos	Pôrto Rio de Janeiro	Total
1955	6 920	6,3	0,520	0,797	1,317
56	8 073	7,8	0,918	0,315	1,233
57	9 613	9,8	1,246	0,076	1,322
58	12 592	12,5	2,000	0,114	2,114
59	14 073	14,8	3,184	0,058	3,242
60	16 993	18,0	3,227	0,040	3,267
61	20 033	23,4	3,256	0,041	3,297
62	21 265	24,0	3,109

Fontes: IBGE e Divisão de Economia Rural.

QUADRO II

Exportação Cítrica Paulista por Variedade

Variedades	1959		1960		1961		1962	
	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%
Pêra	2 287 745	71,5	2 366 022	73,3	2 566 718	78,8	2 366 756	76,1
Hamlin	496 603	15,5	546 052	16,9	442 796	13,6	452 071	14,5
Bahia	293 653	9,2	161 047	5,0	134 292	4,1	183 550	5,9
Barão	67 174	2,1	77 849	2,4	36 524	1,1	71 538	2,3
Pineapple	7 351	0,2	2 950	0,1	1 750	0,1	22 447	0,7
Pomelos	39 603	1,2	63 410	2,0	54 759	1,7	7 356	0,2
Tangerinas	5 952	0,2	9 675	0,3	13 600	0,4	3 700	0,1
Limões	500	—	—	—	6 020	0,2	1 850	0,1
	3 198 581		3 227 005		3 256 459		3 109 268	

Fonte: Seção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação de Produtos Agrícolas — PDV.

QUADRO III

Exportação Cítrica Paulista por Destino

Destino	1959		1960		1961		1962	
	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%
Reino Unido	988 045	31,0	910 490	28,2	1 167 647	35,9	876 313	28,2
Holanda	892 211	28,0	681 335	21,1	885 738	27,2	1 165 673	37,5
França	831 247	26,1	819 563	25,4	451 138	13,9	472 304	15,2
Bélgica	254 750	8,0	170 470	5,3	131 597	4,0	8 000	0,3
Alemanha Ocidental	194 481	6,1	419 589	13,0	358 695	11,0	498 372	16,0
Noruega	10 750	0,3	59 178	1,8	8 960	0,3	15 850	0,5
Finlândia	9 700	0,3	54 000	1,7	28 400	0,9	21 610	0,7
Ant. Holandêsas	3 040	0,2	5 980	0,2	2 120	—	600	—
U R S S	—	—	58 500	1,8	217 780	6,7	—	—
Suécia	—	—	47 900	1,5	414	—	600	—
África Ocid.	—	—	—	—	2 000	—	—	—
Argentina	—	—	—	—	1 120	—	953	—
Uruguai	—	—	—	—	850	—	—	—
Irlanda	—	—	—	—	—	—	48 993	1,6
Totais	3 198 581		3 227 005		3 256 459		3 109 268	

Fonte: Secção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação de Produtos Agrícolas — PDV.

QUADRO IV

Exportação Citrica Paulista por Procedência

Procedência			1962				1961	
	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%	Cxs.	%
Bebedouro	1 140 403	35,00			1 258 344	40,5		
Pitangueiras	304 869	9,4	1 445 272	44,4	240 469	7,7	1 498 813	48,2
Limeira	1 098 038	33,7			988 483	32,1		
Araras	453 805	13,9	1 551 843	47,7	443 935	14,3	1 442 418	46,4
Araraquara	217 920	6,7			81 100	2,6		
Pôrto Ferreira	41 424				28 000	0,9		
Matão	—	1,3	259 344	8,0	58 937	1,9	168 037	5,4
Totais	3 256 459	100,0		100,1	3 109 268	100,0		100,0

Fonte: Secção de Frutas — Divisão de Fiscalização e Classificação de Produtos Agrícolas — PDV.

QUADRO V
Exportação Cítrica Paulista por Mês

<i>Meses</i>	1961		1962	
	Crs.	%	Crs.	%
Janeiro	1 120	—	—	—
Fevereiro	400	—	953	—
Março	17 450	0,5	—	—
Abril	299 210	9,2	42 844	1,4
Maiο	719 278	20,1	489 370	15,7
Junho	863 806	26,5	707 752	22,8
Julho	655 568	21,8	369 038	11,9
Agosto	352 281	10,8	535 227	17,2
Setembro	270 740	8,3	530 689	17,1
Outubro	46 606	2,3	433 395	13,9
Novembro	—	—	—	—
Dezembro	—	—	—	—
Totais	3 256 459		3 109 268	

Fonte: Divisão de Fiscalização e Classificação de Produtos Agrícolas.

QUADRO VI

Preços de Laranja na Europa — 1962

Meses	Semanas	Londres Shillings por cx. (1)		Paris — Novos Francos por 100 kg.(1)	
		União		União	
		Brasil	Sulafriicana	Brasil	Sulafriicana
MAIO	1. ^a	—	—	—	—
	2. ^a	39	54	—	—
	3. ^a	35	49	—	—
	4. ^a	33	50	—	—
JUNHO	1. ^a	35	49	—	—
	2. ^a	36	45	—	—
	3. ^a	32	44	—	125
	4. ^a	29	40	98	120
JULHO	1. ^a	26	37	120	150
	2. ^a	24	38	105	150
	3. ^a	24	37	105	150
	4. ^a	25	38	105	140
AGÔSTO	1. ^a	31	39	108	143
	2. ^a	39	46	110	—
	3. ^a	41	46	120	—
	4. ^a	40	47	135	160
SETEMBRO	1. ^a	39	40	135	160
	2. ^a	35	41	125	150
	3. ^a	43	48	125	155
	4. ^a	43	47	120	155
OUTUBRO	1. ^a	45	51	125	160
	2. ^a	45	51	118	150
	3. ^a	39	48	110	148
	4. ^a	31	41	108	150
NOVEMBRO	1. ^a	31	42	108	165
	2. ^a	28	40	90	150
	3. ^a	27	42	95	155
	4. ^a	27	41	95	165

Fontes: Boletim dos Mercados.

(1) Médias Aritméticas das Cotações de Laranjas Dôces.